Ministros do PMDB não deixarão o governo

Mais de uma vez, os ministros ulyssistas, Renato Archer, da Previdência Social, e Celso Furtado, da Cultura, ensaiaram renunciar aos seus cargos, ato que marcaria, simbolicamente, o rompimento do PMDB com o governo. Não saíram até agora e, segundo apurou a **Folha**, não sairão do governo, pelo menos até a promulgação da nova Carta e a convenção peemedebista marcada para agosto. O terceiro ministro ulyssista, Luiz Henrique da Silveira, da Ciência e Tecnologia, sequer ameaçou alguma vez abandonar sua pasta.

Durante as últimas semanas, circulou entre alguns parlamentares peemedebistas a "informação" de que Archer estaria procurando alguns governadores, a mando de Ulysses, para articular o rompimento do PMDB com o governo. Na verdade, Archer e Luiz Henrique mantiveram conversações com os governadores com o objetivo de "costurar" uma posição majoritária pelo adiamento da Convenção Nacional do PMDB, o que acabou acontecendo na última quarta-feira, quando a Executiva Nacional do partido transferiu o encontro de 5 de junho para 21 de agosto.

O clima, nos ministérios da Cultura, Previdência e Ciência e Tecnologia não é de rompimento com Sarney. Pelo contrário. Na tarde da última terça-feira, enquanto substancial parcela do PMDB era derrotada no plenário da Constituinte na votação da reforma agrária, no Ministério da Previdência festejava-se o fato de Sarney ter concordado em deslocar-se até São Paulo, no próximo dia 20, para assinar, ao lado de Archer e Quércia, um convênio que implementará, na prática, o Suds (Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde) no Estado. O Suds é a principal realização da gestão de Archer (o programa foi iniciado quando ainda era ministro Raphael de Almeida Magalhães) e conta com a oposição de conservadores do PMDB e do PFL. A viagem de Sarney a São Paulo é considerada, na cúpula da Previdência, como prova do bom relacionamento entre Archer e o presidente.

Da mesma forma, no Ministério da Ciência e Tecnologia, comemorava-se, na manhã de quinta-feira, a assinatura do decreto de regulamentação da Lei do Software por Sarney. Segundo o ministro Luiz Henrique, Sarney conduziu-se durante todo o processo de debates em torno do decreto, que opuseram o ministro da Ciência e Tecnologia ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, como "um árbitro".

Editoria de Arte

QUEM CONTROLA OS MINISTROS DO PMDB

José Sarney	Aluízio Alves (Administração)*, Borges da Silveira (Saúde), Costa Couto (Gabinete Civil), Iris Rezende (Agricultura)*, Jáder Barbalho (Reforma e Desenvolvimento Agrário)*, José Hugo Castelo Branco (Indústria e Comércio), José Reinaldo Tavares (Transportes), Paulo Brossard (Justiça), Prisco Viana (Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente), Vicente Fialho (Irrigação)
Ulysses Guimarães	Celso Furtado (Cultura), Luiz Henrique (Ciência e Tecnologia), Renato Archer (Previdência Social).
"Independente"	Almir Pazzianotto (Trabalho)**

* Ministros que, apesar de fiéis a Sarney, possuem uma forte base política em seus Estados e, por isso, têm maior autonomia política.

** O ministro do Trabalho não é "independente" por sua força política ou convicção. Como pretende ser candidato à Prefeitura de São Paulo, pesam sua ações em funções deste objetivo: e não dos de Sarney ou de Ulysses.

Os 14 do PMDB

Dos 14 ministros peemedebistas, somente os três ulyssistas acatariam prontamente uma determinação da cúpula do partido para abandonarem seus cargos, na hipótese de rompimento do PMDB com o governo (veja quem são os ministros peemedebistas no quadro). O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, deverá pedir demissão rapidamente, para concorrer à Prefeitura de São Paulo.

Os demais são, com maior ou menor intensidade, fiéis a Sarney. Os ministros Aluízio Alves (PMDB-RN), da Administração, Iris Rezende (PMDB-GO), da Agricultura, e Jáder Barbalho (PMDB-PA), da Reforma Agrária, que são proprietários de fortes bases políticas em seus Estados, e por isso gozam de relativa autonomia em relação a Sarney, poderiam optar pelo rompimento com o presidente ou com o PMDB, no caso de o partido derivar para esta alternativa.

Quatro ministros precisam continuar no ministério para levar adiante seus projetos políticos pessoais, e muito dificilmente preferirão o PMDB a Sarney: Prisco Viana, da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, quer ser governador da Bahia; Borges da Silveira, da Saúde, quer o governo do Paraná; Paulo Brossard, da Justiça, está à espera de uma indicação do presidente para o Supremo Tribunal Federal (STF); e Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, oscila entre a Prefeitura de Belo Horizonte e o governo de Minas.

Há ainda, entre os ministros peemedebistas, dois que o são apenas formalmente, José Reinaldo Tavares, dos Transportes, e Vicente Fialho, da Irrigação. Ambos são velhos amigos de Sarney e estão no ministério nesta condição —só se filiaram ao PMDB por um pedido de Sarney. O ministro da Indústria e Comércio, José Hugo Castelo Branco, é um pilhagre da engenharia política: é de Minas mas não tem apoio nem do governador Newton Cardoso nem das bancadas federais do PMDB ou do PFL do Estado e não é amigo pessoal de Sarney. Mas resiste no ministério, contra todas as previsões e pretensos anúncios de sua "iminente" substituição. Nenhum dos três trocaria Sarney pelo PMDB. (ML)